

A GRANDE ARTE DE JOÃO DO RIO
COLETÂNEAS DE TEXTOS DO AUTOR CARIOCA
REVELAM OBRA AMPLA QUE NÃO PERDEU SENTIDO EM MAIS DE UM SÉCULO

Gutemberg Medeiros¹

Desde o advento da imprensa moderna, no final do século XVIII, jornalismo e literatura andaram juntos. No Brasil, esta caminhada deu muito samba com vasta tradição de jornalistas e escritores, especialmente na crônica. José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Orestes Barbosa, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos entre tantos outros.

Mas um dos mais importantes desses criadores tem uma história tortuosa e necessita ainda ser redescoberto, João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921), mais conhecido pelo pseudônimo João do Rio, um dos mais importantes escritores das primeiras décadas do século XX. Um capítulo importante da retomada de sua produção foi feita em 2015 com quatro lançamentos que revelam a dimensão de sua importância.

A mais ampla e vertical coletânea de obras de João do Rio já feita foi lançada pelo selo paulistano Carambaia e organizada pela pesquisadora Graziella Beting. São três volumes envoltos em luva, contemplando crônicas, teatro e folhetim em 784 páginas no total. Seguida por três títulos pela coleção Cadernos da Biblioteca Nacional: de crônicas *Os dias passam* e *No tempo de Venceslau* e discursos em *Psicologia urbana* reeditados mais de 100 anos depois da publicação original.

Literatura e Jornalismo

A tradição da crônica brasileira são textos que podemos localizar como de fronteira, lembrando o pensador russo Iuri Lotman, pois formam os campos semióticos do jornalismo e da literatura, no mais intenso imbricamento sógnico e de sentidos. João do Rio não fugiu à regra, mesmo quando forjava outros textos de fronteira, como os de jornalismo e teatro, folhetim ou contos.

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e Pesquisador do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição pela mesma instituição.

Interessante observar que o próprio autor via esta miscigenação em sua obra. A pesquisadora Graziella Beting aponta na introdução do volume de crônicas da coleção João do Rio, trecho de texto deixado no meio de seus arquivos, publicado dois anos após a sua morte no jornal *A Pátria*. “Se a minha ação no jornalismo brasileiro pode ser notada é apenas porque desde o meu primeiro artigo assinado João do Rio eu nunca separei jornalismo de literatura, e procurei sempre fazer do jornalismo grande arte.”

JOÃO DO RIO: O JORNALISTA E O ESCRITOR



Acervo de Gutemberg Medeiros

As 34 crônicas deste volume são representativas de sua vasta produção, sendo mais da metade inéditas em livro. Provavelmente a principal contribuição dessa coletânea é tirar do esquecimento dos arquivos de jornais o texto “Na Favela – trecho inédito do Rio”, publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias*, em 21 de maio de 1903. Talvez João do Rio tenha sido o primeiro jornalista a subir o morro e trazer pormenores sobre esta realidade, no caso, o Morro da Providência. O jornalista descreve as péssimas condições de vida em todos os sentidos. Nos barracos, as pessoas não moram, “se acumulam”. Citamos trecho longo, porém necessário:

Desde o sopé da montanha as casas são todas feitas de bambu entrelaçado com barro, tendo por teto pedaços de folha de flandres seguros com pedras, são baiucas, são pocilgas, são indescritíveis. A maior parte não tem metro e meio de altura e consta apenas de quatro estacas formando um quadrilátero com o chão por soalho. Aí se acumulam famílias numerosas, crianças nuas, com o ventre enorme, mulheres amarelas e duvidosas quase despidas. As febres grassam em todo o morro. Não são só essas espécies de casas, lóbregas, sem luz, causa das moléstias. Ladeando o caminho grandes poças de águas estagnadas exalam um terrível mau cheiro. Ouvem-se, a todo o momento gritos, pragas, aparecem caras coléricas às portas, cachorros uivam.

Assim como em toda a produção de João do Rio, assoma a importante figura do repórter. João do Rio mesmo foi um dos que a introduziu na imprensa brasileira, na profunda e modernizante reforma que os meios de comunicação passaram entre a última década do século XIX até a segunda década do século passado, quando se fez a transição do jornalismo opinativo para mais informativo. E o primeiro grande palco dessa transformação foi o jornal diário *Gazeta de Notícias* – um dos maiores do país, dedicado aos segmentos de economia e de negócios – onde João trabalhou boa parte de sua vida profissional.

Está aí um dos motivos de sua extrema atualidade, a riqueza de detalhes e de contextos, apesar de eventuais julgamentos de valor datados. O que foi constatado, por exemplo, pelo historiador José Murilo de Carvalho.

Interioranos de um lado e “galegos” de outro vinham engrossar a multidão dos jornaleiros, domésticos, ambulantes, todo um leque de ocupações variadas. Engrossavam também o número de assaltantes, pivetes, jogadores, malandros e vagabundos em geral. Era um Rio subterrâneo, menos visível, mas que se vinculava umbilicalmente ao Rio oficial, subterrâneo. João do Rio descreveu melhor do que ninguém este lado da cidade, sobretudo em sua coletânea de crônicas *A Alma Encantadora das Ruas*.

Esse poder de descrição está espalhado em todo João do Rio, a ponto de ser relevado como fonte hábil para a historiografia. Inclusive, nas palavras do próprio autor, “Ora, com os *jornaes*, as *chronicas* (*sic*), as novelas, os romances, os desenhos, faz-se a historia”.

As demais crônicas desse volume dão conta dos interesses e olhares do autor – de panorâmicas a detalhes – sobre a contemporaneidade nos mais variados lugares ou segmentos sociais. Apenas estes títulos dão uma ideia do que João do Rio abordava: “O Brasil lê”, “O mundo dos feitiços – os feiticeiros”, “Os satanistas”, “Os *sports* – o *foot-ball*”, “O barracão das rinhas”. Outro aspecto patente nesta seleta é seu olhar diverso sobre as profundas transformações urbanísticas pelas quais passou o Rio de Janeiro no conhecido “bota-abaixo” –

quando a parte do centro da urbe quis se fazer à imagem e semelhança da Paris do século XIX.

O RIO DE JANEIRO DO TEMPO DE JOÃO DO RIO



Acervo de Gutemberg Medeiros

Já o volume de Folhetins traz *A profissão de Jacques Pedreira* (1910) anteriormente publicado em tiragem reduzida pela Scipione e Fundação Rui Barbosa (1992). Aqui, o autor faz leitura ácida e irônica da alta sociedade carioca. Mas o personagem mais rico é o jornalista Godofredo Alencar, *alter ego* de João do Rio e presente em crônicas e peças do autor. O outro texto que completa o volume tem especial importância histórica e ainda estava inédito em livro: *Memórias de João Cândido, o marinheiro*. João Cândido liderou um dos momentos mais representativos da história do país, a chamada Revolta da Chibata. Em novembro de 1910, Dois mil e trezentos marinheiros se rebelaram contra a Marinha Brasileira, ao exigir o fim dos castigos corporais e melhores condições de trabalho. Acontece que a grande maioria

era composta de negros e mulatos e eram vítimas de penalidades como chibatadas no convés, como se lá a Lei Áurea não tivesse chegado.

Os marinheiros se revoltaram e tomaram alguns dos mais modernos vasos de guerra recém adquiridos da Inglaterra, cercaram a baía de Guanabara e até bombardearam a capital como aviso, caso suas reivindicações não fossem atendidas. Conseguiram acabar com a chibata, mas o governo federal traiu o acordo com os revoltosos e eles sofreram represálias – como mais de seiscentas prisões e mil, duzentas e dezesseis expulsões sumárias da Marinha, degredos, torturas, trabalhos forçados e assassinatos. Cândido, apelidado de “Almirante negro” pela imprensa, foi sentenciado a dois anos de cadeia. Após sua soltura, foi entrevistado por João do Rio que publicou a sua história em capítulos na *Gazeta de Notícias*. Composto de 12 episódios, o texto na primeira pessoa do singular traz detalhes da revolta.

Fechando a coleção, está o volume dedicado às peças de João do Rio “As quatro fases do casamento”, “Eva”, “A propósito de uma menina original” e “Que pena ser só ladrão”. A organizadora incluiu mais duas entrevistas de João do Rio falando sobre a sua dramaturgia. Sendo uma delas concedida ao jornalista Lindolfo Collor, avô do ex-presidente, posteriormente entrando para política chegando a Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas. Além dessa coletânea, todo o teatro de João do Rio teve a edição organizada pela Professora da Unicamp Orna Messer Levin (Martins Fontes, 2002). João do Rio também foi importante ao ser um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em 1917.

Atrás da estante

Os Cadernos da Biblioteca Nacional, da Fundação Biblioteca Nacional, têm tirado do esquecimento textos de autores como Santos Dumont, Nise da Silveira, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, incluindo três volumes de João do Rio, fora de catálogo há 100 anos.

Psicologia Urbana traz cinco palestras que João do Rio realizou no Rio de Janeiro quando esse tipo de evento era comum entre escritores no Brasil e Europa. Aqui, trabalhando aspectos do cotidiano da cidade – tema que imantava a imprensa entre outros setores em pleno bota abaixo – onde se atém às mudanças comportamentais e de mentalidades a partir destas bruscas alterações.

Este tema é recorrente em vários momentos de sua produção, como a mais conhecida na reportagem temática *A alma encantadora das ruas* – lembrando os sentidos convergentes

na época entre alma e o termo “psicologia”, largamente vulgarizado na imprensa, antes da divulgação da obra de Sigmund Freud.

Os outros dois volumes de crônicas – *Os dias passam* e *No tempo de Wescelau* – são exclusivamente de crônicas. No primeiro, a vida urbana e suas mais diversas facetas são abordadas pelo autor. O ambiente político da Primeira República é foco no segundo, sendo considerado por historiadores um dos mais importantes escritos na época.

Estes e outros volumes dedicados à obra extensa de João do Rio – muitos só localizáveis em sebo – atestam a atualidade de sua produção. Talvez pelo fato de vários dos problemas ou paradoxos apontados ainda persistam. Muito há a de se descobrir sobre esse autor. Outro bom começo e um denso estudo é *A vida vertiginosa de João do Rio*, de Raymundo Magalhães Júnior (Civilização Brasileira, 1948) que, muito além de mera biografia, é disponível em livrarias de usados.